

Ler&Contar

Acesso gratuito a contos inéditos de autores lusófonos, com ilustrações originais. O(a) jovem/professor(a)/pai/mãe/educador(a) vai ler o conto e, seguidamente, poderá contá-lo e oferecê-lo a uma criança que por sua vez o contará também, criando-o através da sua memória e da sua imaginação. Terá, ainda, em cada fascículo, um espaço reservado para fazer a sua própria ilustração.

Os autores dos contos que ofereceremos, à média de um por quinzena e com início a 10 de Maio, durante o ano 2020, são angolanos. De forma pro bono aderiram a este projecto que fará chegar a inúmeros leitores contos de escritores que são referência, a par dos de alguns valores emergentes no panorama da literatura lusófona.

Noitibó Confraria

Apostamos na criação de projectos de divulgação de autores.

Queremos fazê-lo de forma lúdica e imaginativa.

Autor

Gociante Patissa

Daniel GOCIANTE PATISSA (1978), natural da comuna do Monte Belo, na província de Benguela, Angola, é jornalista com licenciatura em linguística, especialidade de Inglês, pela Universidade Kayavala Bwila. Publicou, entre outros: A Última Ouvinte (contos), UEA (União dos Escritores Angolanos), Angola, 2010. Não Tem Pernas o Tempo (novela), UEA, Angola, 2013. Guardanapo de Papel (poesia), NósSomos, Angola / Portugal, 2014. Fátussengóla, O Homem do Rádio que Espalhava Duvidas (contos), GRECIMA - Programa Ler Angola, Angola, 2014. O Apito que não se Ouviu (crónicas), UEA, Angola, 2015. Almas de Porcelana (poesia reunida), Editora Penalux, Brasil, 2016. O Homem que Plantava Aves (contos), Editora Penalux, Brasil, 2017. O Homem que Plantava Aves (contos), Acácias Editora, Angola, 2019.

Ilustrador

Samuel Rego

Memórias de infância e adolescência: sempre de lápis na mão e cara salpicada de tinta. Seguiu o curso de Artes Visuais, pulando em seguida para a cidade de Caldas da Rainha; foi na ESAD.CR que aprendeu e desaprendeu o que é o design gráfico. Daí, rumou novamente a norte. Neste momento, está a concluir um mestrado em Design Gráfico e projectos editoriais na FBAUP (Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto).

Na Web

Sítio: www.lerecontar.com

Instagram: [@ler_contar](https://www.instagram.com/ler_contar)

Facebook: www.facebook.com/Ler-Contar

Ficha Técnica

Projecto: Glória de Sousa, Samuel Rego,

Tomás Lima Coelho

Coordenação: Glória de Sousa

Autor do Conto: Gociante Patissa

Concepção Gráfica: Samuel Rego

Produção: Noitibó Confraria

Caracteres: Noto Sans/Noto Serif

Contacto: lerecontar2020@gmail.com

Colaboração: Débora Oliveira, Maria José Moreira, Paula Cochat, Teresa Brarens, Maria João Teles Grito

Proibida a venda.

E o colóquio lá continuou entre os inimigos de estimação que aproveitavam o facto de estarem sós em casa. A ama andava em compras pelo carrossel de supermercados da vila:

– Já imaginaste, ó Cão, como temos tanto em comum? Senão vejamos: andamos sobre quatro patas, temos cauda, a mesma ama, somos solteiros. Então?!

– Estamos juntos, mas não misturados, ó Gato!

– Para quê usar estas palavras que nem são tuas sequer?!

Ao Cão faltava fôlego para não acreditar no novo projecto de paz no lar. Surpresa, porém, ficou a ama, ao notar que os bichos já não disputavam as boas-vindas. Alternadamente, um deles fazia o papel de Oficial-de-dia.

O Cão tinha a vocação de guarda, o Gato de electricista.

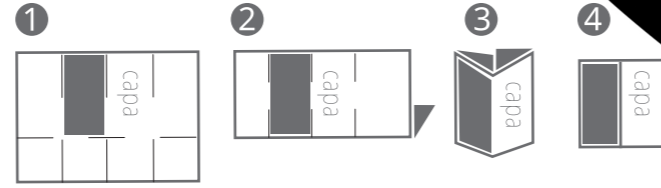
E num belo dia, enquanto caprichava nos arranjos para um jantar romântico, a patroa deu pela falta de uma vela aromática que o noivo muito apreciava. Reparou também que a variedade de doces não estava



Instalados no conforto de um lar, o Cão e o Gato interrogam-se sobre a razão pela qual, dando-se eles tão bem, são tidos como inimigos. Não encontram explicação para tal. Um dia, a dona ausenta-se de casa, por uns breves momentos, deixando um peixe a grelhar...



Instruções de dobragem



LER & CONTAR

AS HISTÓRIAS DO AVÔ PANGUILA

GOCIANTE PATISSA

ATÉ QUE
O PEIXE
OS SEPARE

Mais uma vez na vida, o Cão e o Gato tentaram levar uma vida pacífica. Já não se justificava, pois, a rivalidade, ainda mais por habitarem debaixo do mesmo tecto.

– Vizinho Cão, consegues dizer-me a razão de sermos inimigos?

– Tradição? Para ser sincero, mano Gato, nunca ninguém me esclareceu! Pois é. Sabias que nunca me ocorreu uma tal pergunta? Mas qual é, já agora, o porquê da pergunta?

– Não sei. Fiquei a pensar quão cabeçudos somos a manter esta birra, quando até gostamos das mesmas coisas.

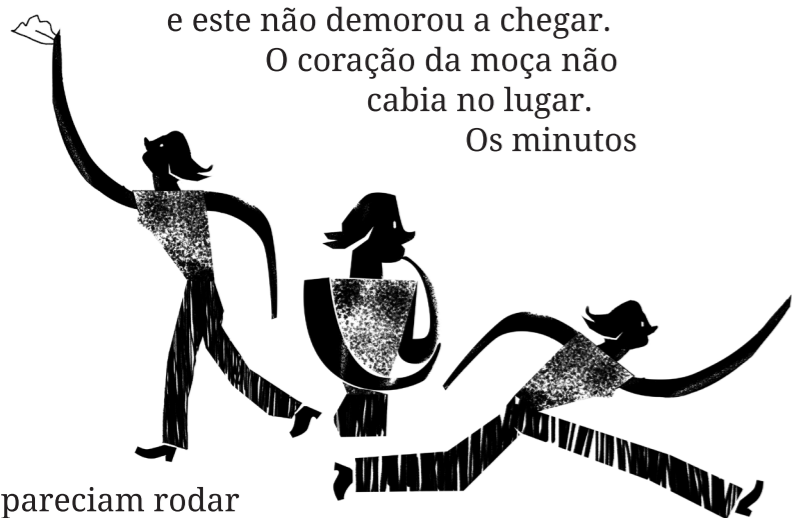
– Meu amigo, já pressinto que era capaz de ser melhor te afastares, respeitarmos as distâncias convencionais, que esta coisa de ir na conversa põe-me as ideias assim um bocado baralhadas. Cão é cão, gato é gato, isso diz a minha avó que já viu muito nesta vida. Se ela recorda que muito antes de namorar o meu bisavô já assim era, quer me parecer um pouco de vaidade da nossa parte nos arrogarmos de mudar a tradição...

– Lá estás tu, ó Cão, com a tua parvoíce! Por acaso te faz mal conversarmos?

– Ora... Digamos que não colocaria nestes termos...

Não fosse a chuva, de trazer o céu ao chão neste dia, o Cão teria abandonado aquela conversa que desafiava a sua paciência, coisa que não era bem o seu forte. Por outro lado, pertencia à classe privilegiada, ao contrário do Gato, odiado em algumas regiões e grupos étnicos de Angola, pela crença de práticas de feitiçaria envolvendo a sua espécie.

lá grande coisa. Só havia uma coisa a fazer.
Voltar às compras. Chamou um táxi
e este não demorou a chegar.
O coração da moça não
cabia no lugar.
Os minutos



pareciam rodar
à velocidade de uma
hélice. Houvesse uma loja
vendendo tempo... deixou o peixe
a grelhar na brasa em lume brando
e partiu, sem se esquecer do agasalho nem
do guarda-chuva que ganhara do noivo
poucos meses antes, no seu aniversário.
As temperaturas neste dia estavam assim
com um ar nada bem-disposto.
Enquanto isso, em casa não tardou que
os efeitos do peixe começassem a fazer-se
sentir. O aroma da fumaça saltava da grelha
para o estômago dos bichos. Não viam
a hora de lhes ser servida nesse dia uma
refeição temperada e confeccionada ao lume,
diferente da habitual ração.
O gato aguentava-se. Do cão não se podia
dizer a mesma coisa, o que piorava com
a sensibilidade aguçada pela humidade
crónica do seu nariz. Aí, movido pela fome,

3

na verdade mais pela gula, dirigiu-se
o Cão ao Gato:

– Confrade Gato, tira então um naco desse
peixe na grelha para petiscarmos! Mas tu
achas justo passarmos fome, quando quem
toma conta da casa e anima a patroa em
horas de solidão somos nós?

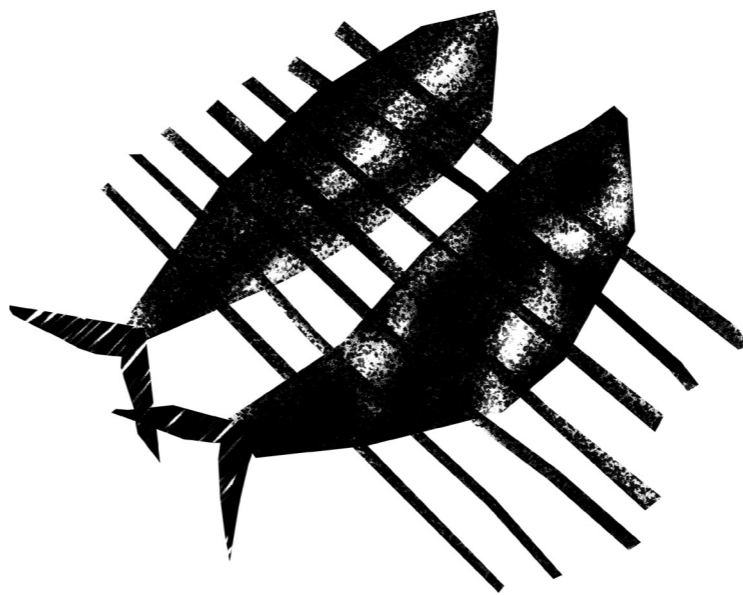
– Caro Cão, não digas isso nem mesmo
a brincar! Não. Roubar é feio e iria magoar
a nossa ama, que em tão boa conta nos tem.
E nesse puxa e não puxa, a boca do Cão
salivava irreconhecivelmente. O silêncio
dava lugar a uma rajada de ganidos,
de si insuportável. O Gato não parou
de desencorajar a tentação de assaltar
o peixe, lembrando ao outro as recompensas
generosas que já tinham ganhado da ama

toda a vez que se
portaram como
anjinhos durante
a sua ausência.
O Cão foi-se
debatendo



no silêncio da sua cabeça, entre o certo
e o errado, até não aguentar mais. Foi então
que forçou as garras do Gato na direcção
da grelha. Este ainda tentou resistir
mas perante a corpulência do inimigo,
as hipóteses de sucesso eram muito,
mas muito magras mesmo. Imparável,
o Cão beliscou uma parte considerável
do peixe, o qual devorou num piscar
de olhos, enquanto o Gato sofria
com a dor da pata queimada. Todo
este pesadelo do Gato acontecia
menos de meia hora após
a saída da patroa.
Despachada do jeito
que era com esta coisa
de andar às compras
e com a própria lida

5



doméstica, lá regressava a patroa à casa com
a enorme ansiedade de compor a mesa, tomar
um bom duche e aguardar pelo seu amado.
Não tardou, porém, o choque. A pobre
mulher não acreditava no que via.
Uma verdadeira desgraça.
Logo convocou os suspeitos para uma
conversa curta e dura. O Cão limitou-se
a fazer trejeitos glamorosos, estendia
os braços a exhibir sua mascote de ouro
e fingia sacudir o pó do seu casaco novo,
mais novo até do que a gravata. Refilou
que se ao longo dos anos não havia um único
registo de furto da sua parte, não iria justo
naquele dia sujar a reputação da sua família,
tão leal aos humanos, por um simples peixe.
O Gato, que ainda chorava por causa
da queimadura na pata, provocada pelo falso
amigo, não teve forças para se defender,
e viu-se expulso do lar. Amigos, amigos
até que o peixe os separe.



**Cria aqui
a tua ilustração
do conto!
Digitaliza-a
e envia-a
para nós.**